Características do rádio e seus impactos no jornalismo radiofônico: iniciando um resgate histórico - da radiofonia pioneira à atualidade[1]

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO[2]
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Este artigo dá seguimento às pesquisas que realizo sobre tranformações do jornalismo radiofônico na atualidade. A investigação maior, com foco nas características e recursos do veículo, resgata como o rádio brasileiro vem reinventando-se, dos seus tempos pioneiros aos dias atuais, no cenário recente de inovações e convergências tecnológicas, para analisar seus impactos no jornalismo radiofônico. Especificamente no presente artigo, trata-se, primeiro, de resgatar as principais propriedades históricas do rádio como a abrangência geográfica, a instantaneidade, o imediatismo, a sensorialidade e a mobilidade. A seguir, ainda de forma preliminar, busca-se identificar as características que, na atualidade, permanecem e as que mais se transformam e, por consequência, também mais modificam o radiojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

rádio; radiojornalismo; características do rádio; webrádios; programação.

[1] Trabalho apresentado no DT 4, GP Rádio e Mídia Sonora, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Professora Dra. e pesquisadora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (graduação e pós-graduação), coordenadora da Rádio Ponto UFSC, diretora da FENAJ- Federação Nacional dos Jornalistas, vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, conselheira do FNPJ – Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo e uma das coordenadoras do Expocom-categoria Jornalismo.

O rádio tem características próprias e singulares que durante seus mais de 90 anos de operação no Brasil sempre foram determinantes para o fazer radiojornalístico e a sua linguagem. Assim, para se investigar as transformações mais recentes e atuais das características e recursos do veículo e seus impactos no jornalismo radiofônico - público e comercial -, um dos grandes focos das minhas pesquisas no momento, tem sido necessário resgatar e revisitar, inclusive com novas observações e análises, o percurso histórico de construção de suas propriedades mais específicas. Ou seja, aquelas peculiaridades tão ou somente suas que não nasceram todas juntas com o rádio.

Conforme o meio se desenvolveu, por conta também de outras transformações e inovações, elas foram sendo agregadas, também modificadas e permanentemente construíram e reinventaram o perfil mais característico do veículo. Enfim, essas características foram "descobertas, moldadas, aperfeiçoadas de acordo com o desenvolvimento de todo o processo de instalação, consolidação e transformações sofridas pela radiofonia. Por isso, quando o rádio se instala no Brasil, elas ainda não estão presentes de todo ou, pelo menos, ainda não são projetadas como perspectiva futura, ou não são reconhecidas, ou simplesmente não são utilizadas na sua integralidade", conforme lembro no livro "No ar – a história da notícia de rádio no Brasil" (Zuculoto, 2012, p. 22-23).

A necessidade de acompanhar e revisitar este processo transformador constante, para (re)conhecer o rádio, especialmente nas suas atuais conformações, é reforçada pela defesa de Ferrareto (2007, p. 3-4) de

> ampliação do entendimento do rádio para além das emissões eletromagnéticas, abarcando ou se aproximando de novas manifestações sonoras associadas à internet [...] e superar também tanto pessimismos exagerados em relação ao velho rádio de sempre, quanto otimismos algo deslumbrados a respeito das novas tecnologias.

Entendimento semelhante é possível observar em Marcelo Kischinhevsky acerca do papel que deve ser reservado ao rádio no momento:

> Circunscrever o rádio às ondas eletromagnéticas é condená-lo a um papel cada vez mais secundário, diante do crescimento da internet comercial e do processo de convergência de mídias. No início do século 21, escuta-se rádio em ondas médias, tropicais e curtas ou em frequência modulada, mas

> também na TV por assinatura, via cabo, micro-ondas ou satélite, em serviços digitais abertos e por assinatura, e via internet, de múltiplas formas. (Kischinhevsky, 2012 , p.48)

Resumidamente, é esta a profunda transformação pela qual passa o rádio nestes tempos virtuais da contemporaneidade. O meio não desaparece diante novas mídias e plataformas de transmissão apontadas como ameaças à sua sobrevivência. Bem ao contrário, utiliza-se delas para também transmitir, além das ondas convencionais, e assim se reinventar e se transformar.

Por isso, também concordo com Kischinhevsky quando argumenta sobre as necessidades de estudo sobre o rádio na sua fase histórica de hoje.

> A indústria do rádio – a exemplo de outras mídias – busca ser social, 2.0, e encontra-se no meio de uma batalha pela sobrevivência diante da crescente convergência, da evolução dos dispositivos de recepção e da reconfiguração permanente dos hábitos de consumo dos ouvintes. Neste contexto, não faz mais sentido discutir os limites do radiofônico, mas sim debater, pesquisar, analisar suas diversas modalidades, suas interfaces, prestando especial atenção às mudanças em andamento em termos de linguagem, práticas interacionais, rotinas produtivas, emergência de novos atores no mercado, estratégias de circulação e hábitos de escuta. (Kischinhevsky, 2012, p.63)

Esta contextualização indica a justificativa para o foco deste artigo e a problematização a partir do qual o presente trabalho se propõe resgatar as principais propriedades históricas do rádio como, entre outras, a abrangência geográfica, a instantaneidade, o imediatismo, a sensorialidade e a mobilidade. Isto para, na sequência, identificar as características que, nos tempos iniciais das recentes novas tecnologias e na atualidade da convergência midiática e de plataformas, mais se transformam e, portanto, também mais provocam impacto nos modos de fazer radiojornalismo. Os principais objetivos aqui são de ao relembrar o percurso da constituição das propriedades e recursos do rádio, verificar quais as principais e em quais das fases históricas passaram a constituir o perfil do veículo. A seguir, evidenciando quais permanecem na atualidade, sublinhar, ainda preliminarmente, as que continuam como mais determinantes para o radiojornalismo na contemporaneidade e de que maneira o influenciam e o modificam.

Entre os referenciais, especialmente para o resgate, as bases primeiras e fundamentais são Gisela Ortriwano (1985), que foi a teórica brasileira do rádio que produziu uma das

melhores análises do perfil e potencial do meio na sua fase pós-televisão em "A informação no rádio, os grupos de poder e a determinação dos conteúdos", e igualmente Mário Kaplún (1978), no seu clássico da teoria radiofônica intitulado "Produción de Programas de Radio – El Guión – la realización" . E não apenas para a recuperação da trajetória como, principalmente, para reflexões sobre a atualidade, também busco apoio em André Barbosa Filho (2003), Eduardo Meditsch (2007 e 2010), Cebrián Herreros (2007 e 2011), Luiz Artur Ferraretto (2007), Paula Cordeiro (2010) e Marcelo Kischinhevsky (2012)

Também estão presentes, como referenciais e estratégias metodológicas, propostas para recuperações históricas de meios da comunicação e dos seus processos, assim como, mais especificamente, do jornalismo. Para tanto, permanecemos com orientações, entre outros, de Michael Schudson (1993), Richard Romancini (2005) e Marialva Barbosa (2005 e 2008).

Ontem, hoje e amanhã – as características que fazem o rádio e seu jornalismo

No rádio inicial, quando o meio ainda não havia constituído-se como veículo de comunicação de massa nem mesmo era reconhecido com este potencial a ser desenvolvido, várias de suas características já estavam latentes e poderiam, numa observação mais aprofundada, ser detectadas ou ao menos previstas. As principais, então, eram a linguagem oral, a instantaneidade, o próprio imediatismo, a sensorialidade que muito mais naquela época despertava a imaginação da audiência. Entretanto, boa parte delas não foram exploradas em especial pelo fato de o rádio pioneiro ter sido marcado pela precariedade técnica – natural num meio que recém começava a se desenvolver - e ainda não contar com recursos tecnológicos como melhores condições de transmissões telefônicas e o transístor, os quais, mais tarde, vão ser determinantes para avanços na constituição das estruturas e propriedades radiofônicas.

O imediatismo, de comunicação em tempo real, por exemplo, é uma das características menos usadas, principalmente no radiojornalismo, embora sendo a mais adequada para este. No livro "No ar – a história da notícia de rádio no Brasil", ao categorizar esta construção histórica do radiojornalismo, analiso assim a sua primeira fase, a do Rádio Pioneiro:

> A implantação do rádio no país representa, então, uma revolução tecnológica e cultural para a sociedade brasileira. Isto porque, mesmo nos seus primórdios e ainda de forma

> precária, suas características próprias e diferenciadas do principal meio informativo da época – o jornal - já permitem uma mais rápida divulgação de informações jornalísticas e a prestação de serviços. Apesar disso, nesta fase o rádio se constrói como veículo de transmissão elitista. [...] Pode-se dizer que a notícia é exceção no rádio pioneiro, pois é emitida como cópia pura e simples dos jornais impressos. Também pela precariedade técnica das transmissões. [...] Em resumo, na 1ª fase do rádio nacional, improvisação, amadorismo e cópia fazem sua notícia. Um período de construção do rádio que se observa com a compreensão de que uma nova mídia adquire sua linguagem própria não de forma espontânea, mas operando uma metamorfose gradual a partir dos meios já existentes. (Zuculoto, 2012, p. 27-28)

Mas foi em especial o avanço técnico e tecnológico - e quando o rádio efetivamente adquire o perfil de meio de comunicação de massa - que, a partir das fases históricas seguintes, proporciona o desenvolvimento e a utilização dessas suas principais características já existentes ou latentes, em conformação. Isto se observa principalmente na sua Era de Ouro, período de expansão e consolidação do rádio como o mais popular e abrangente meio do Século Vinte.

> Do final da década de 3O até meados dos anos 50, quando surge a televisão, o rádio brasileiro viveu um período de glórias, reinando absoluto como o meio de comunicação de maior abrangência de público.[...] Em especial a partir dos últimos anos da década de 30, o rádio passa pela fase de consolidação, principalmente em termos de transmissão organizada, regulamentada e de avanços na qualidade de emissão e recepção, no estabelecimento de programações buscando linguagens e técnicas mais apropriadas às especificidades do veículo. (Zuculoto, 2012, p. 66-67)

Porque então ou na atualidade, como analisa Cordeiro (2010, p. 59), a estrutura geral de comunicação radiofônica – e portanto, na minha compreensão, também suas específicas propriedades – é mantida, em função de a tecnologia influir “mais ao nível dos suportes do que na alteração de linguagem do meio”. Acrescento aqui a reflexão de que esta permanência, obviamente com transformações e também desenvolvimento de novas características, ocorre não apenas mais em termos de suportes, plataformas, mas igualmente pelo avanço em seus recursos próprios ou de outras tecnologias da comunicação aos quais recorre. Por isso a necessidade de também permanentemente não somente identificar a

composição do perfil do rádio, mas acompanhar suas mutações e dos entornos dos quais se serve para efetivar sua comunicação.

O teórico latinoamericano Mario Kaplún, na sua obra clássica e permanente para os estudos do meio, em 1978 já ressaltava a importância de se reconhecer e saber trabalhar com características do rádio, ao defender que este meio não é um mero veículo, mas, sim, um instrumento com imensas potencialidades quantitativas e qualitativas educativas e culturais, a serviço do popular. Também que para fazer bem, adequada e satisfatoriamente rádio, há que se ter técnica e arte, conjuntamente, reconhecendo e trabalhando com as especificidades do meio.

> No rádio, como em todo meio de comunicação coletiva, não basta uma mensagem, por mais valiosa e verdadeira que seja, nem a disposição de divulgá-la. [...] Não é suficiente, então, determinar o que queremos dizer: temos que saber como dizê-lo através do rádio para sermos escutados, atendidos e entendidos. Os analistas da comunicação dizem, com razão, que em todo meio de comunicação coletiva a mensagem é afetada pelas características da mídia transmissora. Isto é, o meio radiofônico influi necessariamente sobre a mensagem, a condiciona, impõe determinadas regras de jogo, obriga a adequar a comunicação educativa e cultural à natureza e às características específicas do meio. [...] Sem dúvida, um grande instrumento potencial de educação e cultura populares. Porém, como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manejá-lo, adaptar-se às suas limitações e às suas possibilidades. Usar bem o rádio é uma técnica e uma arte. (Kaplún, 1978, 47)

As características apontadas por Kaplún como específicas e também limitadoras são a ampla difusão popular, a simultaneidade, instantaneidade, largo alcance, baixo custo "per cápita" e acesso direto (no sentido de compulsório) aos lugares dos destinatários. O autor classifica estas como limitações do rádio porque podem interferir negativamente na captação e decodificação das mensagens radiofônicas pelas audiências. Porém, são propriedades intrínsecas do meio que, conforme ele próprio faz questão de ressaltar, podem ser superadas, "se não totalmente, ao menos em boa medida":

> o rádio é certamente um meio idôneo para fins de educação. Porém, estas limitações existem, são importantes e devem ser levadas em conta, pois aos desconhecê-las, a ação educativa,

> parcial ou totalmente, pode não cumprir seus objetivos. (Kaplún, 1978, p. 58)

Como características positivas, chamando-as de "possibilidades e recursos" para se realizar efetivamente a comunicação educativa e compensar as limitações, desde que se saiba dominá-las, o teórico cita: poder de sugestão, comunicação afetiva, empatia, relação de identificação (Kaplún, 1978, p. 58-73). O teórico analisou o rádio no continente e sempre observando-o como um meio voltado à educação e cultura, buscando distingui-lo especialmente da radiofonia comercial. Entretanto, fez esta distinção não em relação às suas características e recursos e, sim, em relação à sua aplicação.

Na trajetória histórica de construção do rádio no Brasil, com certeza foi Gisela Ortriwano (1985) quem melhor captou e analisou as propriedades radiofônicas constituídas até um dos principais momentos de reinvenção do meio. Em meados da década de 80, quando o rádio brasileiro, depois de ter vivido sua era de ouro e enfrentado a televisão como uma vitrola, dá novo impulso ao radiojornalismo, a teórica definiu que "dos meios de comunicação de massa, o rádio é o mais privilegiado, por suas características intrínsecas". E entre estas, destacou: linguagem oral, penetração em termos geográficos (alcance nacional e regionalismo), mobilidade (sob dois pontos de vista: do emissor e do receptor), baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade, autonomia. (Ortriwano, 1985, p. 78-81).

> Em função de suas características, o rádio ganhou rapidamente campo frente aos veículos impressos e sobreviveu à concorrência surgida com o aparecimento da televisão. Um dos elementos mais importantes nesse processo foi a descoberta do transístor. Em 1952, já estavam no mercado norteamericano os primeiros receptores transistorizados. Esse minúsculo componente eletrônico permitiu que qualidades potenciais do rádio fossem levadas a seus extremos. O rádio não morreu quando surgiu a televisão [...] primeiro, se acomodou, mas, depois, se especializou em sua própria faixa de potencialidade. Mesmo que a televisão continue concorrendo com o rádio, este já não teme mais, até convive com ela: na hora do futebol, muitos torcedores preferem unir a imagem da televisão com a narração do rádio. (Ortriwano, 1985, p. 81)

André Barbosa Filho, no seu livro "Gêneros Radiofônicos – os formatos e os programas em áudio", entre as cerca de duas dezenas de características que o rádio já tinha

consolidado até o início dos anos 2000, também evidencia com destaque as mesmas sublinhadas por Ortriwano e outros estudiosos do rádio como McLeish (2001). Apenas as apresenta em outras palavras e especifica mais algumas então já reconhecidas: construção de imagens, capacidade de falar para milhões de pessoas e/ou para cada indivíduo, velocidade, caráter transfronteiriço, simplicidade, baixo custo, efemeridade, música, surpresa, interferência (Barbosa Filho, 2003, p.44-45). De acordo com o autor, "estas características, se bem aplicadas, poderão facilitar a mediação entre produção e recepção, locutor e ouvinte e conformam gêneros específicos".

Este resgate contextualizador buscou relembrar, pelo menos em fases marcantes e definidoras da história do rádio, as características fundamentais deste meio, que já é centenário no mundo e no Brasil já ultrapassa pouco mais de 90 anos. Porque são estas peculiaridades, especificidades que constituem a base essencial não apenas para produzir rádio como também para entendê-lo, em especial na sua época contemporânea, quando mais uma vez se sugere seu desaparecimento.

Reflexões preliminares

Sem limitações para construir cenários sonoros

Nos dias de hoje, o rádio não transmite mais apenas pelas ondas sonoras analógicas. Ou seja, nossas possibilidades de produção e audição não se limitam mais ao que costumo classificar de "rádio convencional". Além deste, como já ressaltei em artigo apresentado no Intercom anterior – o XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Fortaleza – nesta era da informatização, da digitalização e da convergência midiática e de multiplataformas comunicacionais, hoje ainda temos mais dois outros grandes tipos de rádio, além do convencional: o rádio na internet e o webrádio (Zuculoto, 2012, p.2). E neste atual panorama da radiofonia, numa observação ainda preliminar, é possível identificar que as características mais específicas, mais próprias e singulares do meio permanecem as mesmas aqui citadas por estudiosos em diferentes fases da história do veículo. Porém, a maioria destas se transforma, dependendo da sua forma de transmissão, da plataforma em que se veicula. Ou seja, às características históricas do rádio agregam-se as das próprias plataformas. O rádio e o seu fazer, suas composições, precisam dar conta de incorporar todas estas propriedades, potenciais e recursos, como aponta Cebrián Herreros:

> o rádio entrou numa nova fase, na qual se parte de uma concepção global e integradora do conteúdo que se oferecem de diversas maneiras e se exploram com outras estratégias. O importante é o núcleo dos conteúdos oeferecidos pela tecnologia tradicional ou incentivados pela inovação recente. Os conteúdos são o atrativo, a demanda para a audição. [...] a tecnologia favorece a multiexploração por várias plataformas. Os conteúdos já não são mais elaborados para uma única plataforma como no sistema tradicional, em que se concebiam exclusivamente para a transmissão por ondas de rádio. Atualmente, a partir de uma concepção global, vão efetuando versões adequadas às características de cada plataforma. (Herreros, 2011, p. 10)

Mesmo que já possa agregar dados visualmente e imagens, tanto na internet como no receptor digital, uma das características do rádio de maior potencial comunicativo continua sendo a de trabalhar com linguagem (pelo transmissor) e sentido (pela audiência) ainda praticamente únicos: a linguagem sonora (pelo transmissor) e a audição (pela audiência).

A mobilidade é outra fundamental especificidade tanto do ponto de vista do emissor quanto do receptor. O rádio cada vez mais pode estar presente, com grande facilidade, no local dos acontecimentos, tendo, também, condição de transmitir as informações com enorme rapidez. Para o ouvinte, o tamanho reduzido e as diversas plataformas e aparelhos onde acessa a comunicação radiofônica constituem mais uma das suas principais características vantajosas que permanecem e avançam em termos de possibilidades. Lembrando que o primeiro grande marco de avanço histórico da mobilidade foi a invenção do transistor, que permitiu ao rádio dispensar fios e tomadas e acompanhar a audiência em qualquer lugar e momento com extrema facilidade. Hoje já está até no celular.

Comparado com os meios impressos e até mesmo com os audiovisuais, outra vantagem que continua é o imediatismo. Esta propriedade primeira e também em permanente desenvolvimento faz o rádio conseguir divulgar os fatos no justo momento em que ocorrem e com muita facilidade. Primeiro, foram o telefone convencional, os gravadores portáteis, “jacarés” nos telefones, as unidades móveis e outras produtos da evolução tecnológica. Hoje, o cada vez mais evoluído e diminuto celular, por exemplo, permite sempre maior agilidade e imediatismo ao trabalho radiofônico.

Mobilidade e imediatismo são especificidades do rádio que mais influem no jornalismo radiofônico, como venho detectando nas minhas recentes pesquisas.

> Hoje se ouve rádio em AM, FM, no rádio do carro, no celular, no MP4, na internet. E a mobilidade para a audiência – uma das grandes vantagens do rádio que continua a fazer deste meio um dos mais apropriados para receber informação – ao mesmo tempo em que garante a sua permanência como veículo informativo necessário, também passa a exigir mudanças e adequações da produção radiojornalística – na forma, na linguagem e no conteúdo, entre outros. (Zuculoto, 2012, p. 5)

Todo o avanço tecnológico na área da comunicação, destacando-se a possibilidade de informatização das emissoras, também pode permitir que o rádio utilize muito melhor estas suas especificidades da mobilidade e do imediatismo, assim como suas demais características.

Outra característica que permanece dotando o veículo de imenso potencial é o grande alcance geográfico, tanto pelo rádio convencional quando pela internet. Chega cada vez mais a todos os lugares do mundo e, ao mesmo tempo, por todas suas potencialidades reunidas pode, também sempre mais, cumprir sua vocação de ser regional. Da mesma forma, com suas características potencializadas ou com necessidade de serem (re)conhecidas e aplicadas com outra forma de fazer, também se verifica permanência na instantaneidade, no baixo custo, na provocação da emocionalidade, na empatia, distração, cansaço e ausência do receptor, além do aumento do potencial de interação.

A instantaneidade, característica do rádio pelas ondas hertzianas, convencional, considerada uma limitação pela fugacidade da mensagem, hoje se modifica pela internet. As produções não precisam mais ser ouvidas somente no momento em que são transmitidas. A maioria das emissoras convencionais possui sites na rede, onde além de veicularem a programação em tempo real, também a deixam disponível para ouvir em qualquer momento e ainda agregam outras informações, mesmo por meio de texto e imagens. E nas webrádios, inclusive as programações jornalísticas já são feitas utilizando igualmente propriedades específicas da comunicação na internet, que, por exemplo, superam esta característica limitadora da instantaneidade. Como na web é possível deixar disponível a produção radiofônica para acesso a qualquer momento posterior da emissão da mensagem, mesmo mantendo a possibilidade do instantâneo, trata-se de uma característica a ser explorada com outras formas de elaboração mais adequadas à internet, por exemplo.

> Elaboração e redação específica para a web. Pouco a pouco se vem desenvolvendo um estilo de escrita e apresentação de informações que mescla estilos. Por vezes, a escrita para a webrádio é semelhante à preparada para as transmissões tradicionais, mas incorpora elementos redacionais para alcançar uma identidade que a diferencie dos outros meios. Isto obriga a se encontrar estilos próprios de redação para rádio na web. Estas diferenças não são apenas verificadas nos sites de rádio em geral[...]. Na organização da informação na web, tem um papel destacado ofertas de programação continuada, programas fragmentados e de serviços radiofônicos [...] (Herreros, 2011, p. 12)

A distração do ouvinte para focar atenção e captar a mensagem radiofônica é outra propriedade que igualmente se mantém, inclusive potencializada pelo ambiente de possibilidades de navegação na web ao mesmo tempo que se ouve rádio na internet. Fato que exige radicalização nos usos dos recursos de composição radiofônica para prender a atenção da audiência. Já a ausência do receptor, no rádio contemporâneo, é compensada pela possibilidade cada vez maior de interatividade, por meio da convergência e de o rádio não apenas transmitir pela internet, mas também agregar dados, imagens e utilizar outras formas de comunicação disponíveis na web como as redes sociais.Estas podem ser utilizadas tanto para pauta quanto para avançar na interação com o público.

> O rádio, com a incorporação da transversalidade da concepção multiplataforma, amplifica sua cultura do diálogo e da participação clássica do público pela interatividade em suas diversas formas e modelos. O rádio faz parte das plataformas e multiplica os seus modelos de programação gerais e multitemáticas ou especializadas na convergência com a Internet e a telefonia móvel para dar oriegam ao pleno ciberradio. Criam-se novos canais, incorporam-se outros conteúdos e se experimenta com uma linguagem inovadora procedente da tecnologia. O rádio atual promove uma cultura democrática de diálogo. Longe da velha concepção de transmissão, assume um conceito de comunicação de compartilhamento de suas idéias com o público, para criar uma comunidade radiofônica como uma comunidade de vizinhos reunida numa praça pública, onde há os interessados em escutar e os que querem ser os proponentes e os debatedores das propostas um dos outros. É uma cultura que se ramifica por várias formas de participação. (Herreros, 2011, p. 16)

A empatia e a capacidade do rádio de provocar a emocionalidade, a sensorialidade são características que com recursos tecnológicos cada vez mais disponibilizados e avançados podem ser explorados total e profundamente no fazer radiofônico.

No rádio, um verdadeiro "teatro da mente", muito mais agora não há limitações para se construir os cenários sonoros que vão transmitir mensagens num diálogo mental com a audiência que, assim, conseguirá receber e entender as informações veiculadas. Isto se a composição sonora como um todo usar adequada e equilibradamente os elementos de construção das mensagens (fala, música, efeitos/ruídos e silêncio) e as características do meio.

Daí a importância de se resgatar e revisitar, com estas novas observações e análises ainda bem iniciais, o percurso histórico de construção de suas propriedades mais específicas. Sempre é preciso (re)conhecê-las, aprofundando mais o acompanhamento de suas transformações e avanços, porque, concordando com Kaplún, fazer rádio e, por consequência, também seu jornalismo, é técnica e arte. Mais que tudo, identificar e analisar as características do rádio na atualidade é a certeza de que este centenário meio ainda continua sendo um dos mais populares e um dos mais acessíveis para a informação da sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história.** In.: BRAGANÇA, Anibal; MOREIRA, Sonia Virgínia. (orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 102- 111.

_____. **Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História.** In.: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens.** Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

CORDEIRO, Paula. **A Rádio e as Indústrias Culturais. Estratégias de programação na transição para o digital.** Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21**. In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, NP 02 – Jornalismo, Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 7, 2007. ***Anais...*** Santos: Intercom, Unisantos, Unisanta, Unimonte, 2007.

HERREROS, Cebrián Mariano. **Modelos de Radio, desarrollos e innovaciones. Del diálogo y participación a la interactividad.** Madrid: Editorial Fragua, 2007.

_____.La radio en el entorno de las multiplataformas de comunicaciones. Palestra no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, DT 4, GP Rádio e Mídia Sonora, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 11, ***Anais...*** Recife: Intercom, Unicap, 2011.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio. El guión - la realización.** Quito, Ecuador: Ediciones CIESPAL, 1978.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio social – Uma proposta de categorização das modalidades radiofônicas.** In.: Del Bianco, Nélia R. (org). **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência.** E-book Coleção GP'S : grupos de pesquisa; vol. 5. São Paulo: INTERCOM, 2012. pp. 38-67

MCLEISH, Robert**. Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo Barreto Vianna. **O Rádio na Era da Informação**:**Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo.** Florianópolis: Insular/Edufsc, 2ª. Ed., 2007.

_____. A informação sonora na webemergência: sobre as posibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós mídia. In.: MAGNONI, Antônio Francisco e CARVALHO, Juliano Maurício. **O novo rádio - cenários da radiodifusão na era digital. S**ão Paulo: Editora Senac, 2010. p. 203-238.

ROMANCINI, Richard. **História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa.** In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, NP 02 – Jornalismo, Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 5, 2005. ***Anais...*** Rio de Janeiro: Intercom, UERJ, 2005.

SCHUDSON, Michael. **Enfoques históricos a los estudios de la Comunicación**. In.: JENSEN, K.B; JANKOWSKI, N.W.(orgs). **Metodologias cualitativas de investigación em Comunicación de Masas.** Barcelona: Bosch, 1993.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer**. No ar – a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.**

_____. Alô, alô radiouvintes: no ar e na *web*, transformações de linguagem, modelos, formatos e fazer radiojornalísticos na era do virtual e digital. In.: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, DT 4, GP Rádio e Mídia Sonora, Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, 12, ***Anais...*** Fortaleza: Intercom, Unifor, 2012.

This document was created with Win2PDF available at http://www.win2pdf.com.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.